

José Saramago

DESTE  
MUNDO  
É DO  
OUTRO

 Porto  
Editora

# Índice

A cidade.....	9
Um Natal há cem anos.....	13
A aparição.....	17
O sapateiro prodigioso .....	21
Carta para Josefa, minha avó .....	25
O meu avô, também.....	27
O amola-tesouras .....	31
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio.....	33
As bondosas .....	37
Cair no céu.....	41
Nasce na serra de Albarracim, em Espanha.....	45
Viagens na minha terra.....	49
As palavras .....	53
São asas.....	55
A ponte.....	57
O cego do harmónio .....	59
Os olhos de pedra.....	61
O inevitável poente.....	63
Às vezes a manhã ajuda .....	65
Travessa de André Valente .....	69
Três horas da madrugada.....	73
Cismando no sismo .....	75

O fato virado.....	79
Jardim no inverno.....	83
Hip, hip, hippies!.....	87
«C'est la rose...».....	89
Discurso contra o lirismo.....	91
A menina e o baloiço.....	95
Alice e as maravilhas.....	99
A ilha deserta.....	103
A vida suspensa.....	107
Vendem os deuses o que dão.....	111
Um encontro na praia.....	115
A vida é uma longa violência.....	119
O grupo.....	123
A palavra resistente.....	127
Receita para matar um homem.....	131
Os animais doidos de cólera.....	135
A nova Verónica.....	139
O Direito e os sinos.....	141
Esta palavra esperança.....	145
Almeida Garrett e Frei Joaquim de Santa Rosa.....	149
Nós, portugueses.....	153
Manuscrito encontrado numa garrafa.....	157
Carta de Ben Jonson aos estudantes de Direito que representaram Volpone.....	161
«A nua verdade».....	165
Graça e desgraça de Mestre Gil.....	169
Os navegadores solitários.....	173
«Salta, covarde!».....	177
O cálculo.....	181
O planeta dos horrores.....	185
Um azul para Marte.....	189

Coração e lua.....	193
A neve preta .....	197
A lua que eu conheci.....	201
Um salto no tempo .....	203
Cada vez mais sós.....	207
Noite de verão.....	211
As férias.....	213
O sorriso .....	217
O verão.....	221

Estas crónicas foram publicadas, pela primeira vez, no jornal *A Capital* (1968-1969).

# A cidade

Era uma vez um homem que vivia fora dos muros da cidade. Se cometera algum crime, se pagava culpas de antepassados, ou se apenas se retirara por indiferença ou vergonha – não se sabe. Talvez um pouco de tudo isto, tão certo é que do belo e do feio, da verdade e da mentira, do que se confessa e do que se esconde, fazemos todos nós a nossa casual existência. Vivia o homem fora dos muros da cidade, e dessa segregação deliberada ou imposta acabou por fazer um pequeno título de glória. Mas não podia evitar (isso não podia) que nos olhos lhe pairasse a névoa melancólica que envolve todo o ser desterrado.

Algumas vezes tentou entrar. Fê-lo não por um desejo irremediável, nem sequer por cansaço da situação, mas por mero instinto de mudança ou desconforto inconsciente. Escolheu sempre as portas erradas, se portas havia. E se lhe aconteceu julgar que entrara na cidade, talvez sim, mas era como se a par da cidade real houvesse imagens dela, inconsistentes como a sombra que nos olhos se tornava mais e mais densa. E quando essas imagens se desvaneciam, como o nevoeiro que das águas se desprende ao toque luminoso do sol, era o deserto que o rodeava, e ao longe, brancos e altos, com árvores plantadas nas torres e jardins suspensos nas varandas, os muros da cidade brilhavam outra vez inacessíveis.

De dentro vinham rumores de festa. Assim lho dizia, mais do que os sentidos, a imaginação. Rumores de vida seriam, pelo menos. Não a morte solitária que é a contemplação obstinada da própria sombra. Não o desespero surdo da palavra definitiva que se escapa no momento em que seria, melhor que uma palavra, uma chave. E então o homem rodeava as longas muralhas, tateando, à procura da porta que obscuramente lhe estaria prometida.

Porque o homem acreditava na predestinação. Estar fora da cidade (se disso tinha real consciência) era para ele uma situação acidental e provisória. Um dia, no dia exato, nem antes, nem depois, entraria na cidade. Melhor dizendo: entraria em qualquer parte, que a isto se resumia o seu esperar. Que a névoa da melancolia se tornasse noite, seria um mal necessário, mas também provisório, porque o dia predestinado traria uma explicação. Ou nem isso, sequer. Um fim, um simples fim. Uma abdicação já serviria.

O homem não sabia que as cidades que se rodeiam de altos muros (ainda que brancos e com árvores) não se tomam sem luta. Não sabia o homem que antes da batalha pela conquista da cidade outro combate teria de travar e vencer. E que nesta primeira luta teria de lutar consigo mesmo. Ninguém sabe nada de si antes da ação em que tiver de empenhar-se todo. Não conhecemos a força do mar enquanto ele não se move. Não conhecemos o amor antes do amor.

Veio a batalha. Como nos poemas de Homero, também os deuses entraram nela. Combateram a favor e contra, algumas vezes uns contra os outros. O homem que lutava para viver dentro dos muros da cidade cruzou espada e palavras com os deuses que estavam do seu lado. Feriu e foi ferido. E a luta durou longos e longos dias, semanas, meses, sem tréguas nem repouso, ora

junto às muralhas, ora tão longe delas que nem a cidade se via, nem se sabia bem já que prêmio estaria no fim do combate. Foi outra forma de desespero.

Até que um dia o terreno da luta ficou livre e desimpedido, como um estuário onde as águas descansam. Sangrando, o homem e o deus que lhe ficara olharam de frente as portas, abertas de par em par. Havia um grande silêncio na cidade. Ainda amedrontado, o homem avançou. A seu lado, o deus. Entraram – e foi só depois que entraram que a cidade se tornou habitada.

Era uma vez um homem que vivia fora dos muros da cidade. E a cidade era ele próprio. Cidade de José se lhe quisermos dar um nome.

# Um Natal há cem anos

Quem diz cem, diz mil. Ou quarenta. Enfim, uma eternidade. A terra está esmagada de negrume. Não chove, as tempestades andam longe: o ar parado é denso de frio e parece estalar como uma rede ténue de cristais suspensos. Há uma casa e luz dentro dela. E gente: a Família. Na chaminé ardem toros de lenha em fogo brando que de repente se encrespa quando se lhe juntam gravetos secos. Então a labareda cresce, divide-se, sobe pela chaminé encarvoada, ilumina os rostos da Família e logo volta a quebrar-se. Ouve-se melhor o ferver das panelas, o frigir do azeite onde boiam as formas antigas das filhós, entre o fumo espesso e gorduroso que vai entranhar-se nas traves do telhado e nas roupas húmidas. São talvez onze horas, a mesa está posta, o momento é de paz e de conciliação – e a Família anda pela casa, confusamente ocupada em pequenos trabalhos, como um formigueiro.

Não tarda que todos saiam para o quintal. Agora vai ser lançado o foguete que anuncia aos vizinhos que naquela casa já a última filhó saiu do tacho, a escorrer, e foi cair no alguidar profundo, onde este produto da doçaria caseira aguarda o requinte final da canela e do açúcar. Entre portas, a Criança vê a Família a sorrir, fazendo e desfazendo grupos em volta do Avô que sopra um tição e o aproxima do pedaço de cana recheado de pólvora.

Tinha pedido que o deixassem ajudar, mas não consentiram: é preciso cuidado com as crianças.

A pólvora inflama-se bruscamente, lança um jato de faúlhas, assobia – e o foguete dispara para o ar gelado, corta-o como uma espada de fogo, e lá muito no alto estraleja, sonoro, entre os ecos doutro foguete distante. O caniço desce com uma luz que desmaia, mortíça, e vai cair longe, nos olivais, sobre a relva coberta de geadas. Não há perigo de incêndio. De súbito, a Família sente o frio e torna a casa, levando entre os braços, entre os anéis, entre os tentáculos, a Criança que não pudera ajudar a lançar o foguete. O interior da cozinha arrefeceu. A Avó atira uma mão-cheia de aparas, e o lume hesita, escolhe o lado mais acessível da lenha e, mansamente, recomeça o seu trabalho de destruição.

A Família gira em redor da mesa, com muitos rostos corados e sorridentes, que têm nomes mas são, antes de tudo, para a Criança, os Pais, os Avós, os Tios, os Primos – um corpo de animal complicado que lhe lembra a história da Bicha de Sete Cabeças ou o Dragão-Que-Não-Dorme. Sobre a mesa há, neste momento, uma batalha de mãos, de dentes, de mastigação que deforma os rostos. Contam-se casos, anedotas, todos riem. O frio está lá fora, e a geadas, e a noite impenetrável. A Criança anima-se, já esqueceu a decepção, para o ano talvez a deixem lançar o foguete sozinha. Tem também uma história para contar, e vai contá-la. Só está à espera de uma pausa, de uma ocasião em que todos se calem, para ajustar a sua pequena e trémula voz, porque a história é importante, muito mais do que a Família julgaria. Então, o momento aproxima-se, a Criança prepara-se, é agora – começa a falar. A Família olha, espantada, dá a atenção que pode, mas não dura muito, não pode durar, e alguém corta a narrativa com uma frase que faz rir toda a gente. Uma frase que vai fazer chorar a Criança.

Porque a Criança levanta-se da mesa, abre a porta, separa-se da Família e desce os três degraus que conduzem ao mundo. Ali adiante há um muro caiado, baixo, assim como uma varanda que desse para terras desconhecidas. A Criança vai debruçar-se sobre o muro, deixa cair a cabeça sobre os braços cruzados, e sente desfazer-se dentro de si o terrível nó das lágrimas. Da casa vêm risos e vozes, alguém fala muito alto, e depois ressoam gargalhadas. Está muito frio. O céu é alto e profundo. Visto dali parece feito de veludo negro, se fosse possível chegar-lhe com a mão. E há as estrelas. Duras, nítidas, implacáveis, quase ferozes. A Criança levanta os olhos. Lá estão elas a brilhar. Vistas através das lágrimas são diferentes. Que mundo estranho, este! Sob os passos da Criança, o chão estala. E, em frente, as árvores negras, vagamente assustadoras, tomam o ar confidencial de quem conhece os segredos todos.

# A aparição

Não é uma história de fantasmas, embora seja uma história de outro mundo. E tanto a poderei contar em meia dúzia de linhas despachadas, como encher folhas e folhas de papel, esta crónica e outra, e as seguintes, infinitamente, até à rendição e à desistência. Porque de antemão sei que tudo quanto diga ou venha a dizer não bastará para aflorar sequer a fimbria luminosa da aparição noturna. É este o defeito das palavras. Assentámos que não há outro meio de nos entendermos e explicarmos, e acabamos por descobrir que ficámos a meio da explicação, e tão longe do entendimento que bem melhor teria sido deixar aos olhos e ao gesto o seu peso de silêncio. Talvez mesmo o gesto seja de mais. No fim de contas, ele não é outra coisa que o desenho de uma palavra, o caminhar de uma frase no espaço. Restam-nos os olhos e o seu acesso privilegiado às aparições.

Coisas destas não acontecem muitas vezes na vida. Dependem de uma conjunção de tempo e de lugar, da viagem terrestre de um ser determinado e dos impulsos obscuros ou conscientes que nessa viagem o tenham guiado. Dependem (quem sabe?) dos astros, da sua posição no céu, da fase da lua, da hora a que ela nasceu ou vai desaparecer. Dependem de uma sombra, de uma vibração da atmosfera. Dependem de chegarmos no momento

exato ao sítio preciso. Temos uma probabilidade em um milhão – e no entanto acontece.

É noite. Há um caminho entre duas filas de árvores. Alguém avança por esse caminho, alguém a quem o silêncio assusta vagamente, e, mais do que o silêncio, a solidão e o jogo alternado de sombra e luz que pelo chão se espalha. É um rapaz que vem de longe, de uma festa de aldeia onde havia aquela eterna rapariga de quem nada se receberá, mas que é, em si mesma, a promessa do futuro amor. Dali até casa, o rapaz ainda tem de andar uma légua. Passará a noite (o que dela resta) numa barraca de pau a pique, numa cama de folhas secas e palha de milho. Haverá nevoeiro quando acordar, e já o sabe porque lho dizem certos sinais no céu. Entretanto, vai andando pelo caminho silencioso. Não pensa. Àquela hora a rapariga dorme, recolheu-se, outra vez crisálida, ao casulo donde saíra borboleta. O rapaz aguça o ouvido para distinguir os rumores noturnos e as suas ameaças. Do lado direito da estrada há um charco onde, de vez em quando, brilham lâminas de espadas. A noite é terrível, já o sabemos.

De repente, o caminho parece acabar. Faz uma curva brusca, esconde-se atrás de um valado, e mostra, como para cortar o passo a quem passe, uma árvore isolada, alta e alta, escura sobre o azul-negro do céu. O rapaz sente o freio gelado do medo. Para, olha em redor, dá dois passos atrás. O campo recolheu-se a um silêncio maior sob o luar fantasmático. A árvore enche o caminho e o espaço. Condensa nos seus ramos toda a escuridão da noite. Talvez ali se acoitem as aves de nomes fúnebres e olhos amarelos. E haverá morcegos pendurados de cabeça para baixo, envolvidos nas próprias asas como sudários negros. Estão ali, à espera, os inominados terrores do mundo da treva.

E veio a aparição. De muito longe uma brisa murmurante aproximou-se. Moveu as hastes tenras das ervas, as navalhas

verdes dos canaviais, fez ondular num arrepio de luz as águas pardas do charco, ergueu como uma onda os ramos estendidos, envolveu o rapaz num rápido remoinho – e seguiu adiante até à árvore que a esperava. E subiu pelo tronco e pelas ramagens, murmurando sempre. E as folhas voltaram para a lua a sua face escondida, e toda a árvore se cobriu de branco até ao ramo mais alto. E aos olhos deslumbrados do rapaz, agora trémulo de comoção e assombro, a aparição da faia miraculosa mostrou-se num vertiginoso segundo – que vai durar enquanto durar a vida.

# O sapateiro prodigioso

Hoje queria uma prosa descansada, tranquila, que dissesse as coisas mais sérias da forma mais simples. Uma prosa que se ajudasse a si mesma, em que eu não interviesse, ou não tivesse mais presença que a do contemplativo que descansa à beira do rio e vê passar as águas. A história das pessoas é feita de lágrimas, alguns risos, umas tantas pequenas alegrias e uma grande dor final. E tudo pode ser contado nos mais diversos tons: elegíaco, dramático, irónico, reservado, e todos os outros cuja enumeração não cabe aqui, ou, cabendo, viria estragar-me a cadência da frase.

Conheço este homem desde que me conheço. Não é rigorosamente verdade, mas parece-me tê-lo visto sempre sentado no seu mocho, com a banca atravancada de ferramentas do ofício e de mil pequenos objetos que já para nada serviam. E tudo repousava numa imemorial camada de terriço acumulado, de onde emergiam pregos tortos, aparas de sola, resíduos de um trabalho continuado e atento. A loja era um cubículo com uma porta de metro e meio de altura (pouco mais), por onde só crianças podiam entrar sem se curvarem. Descobri-me homem no dia em que tive de baixar a cabeça. Ali passei horas intermináveis, enquanto lá fora o calor rechinava as pedras roladas que calcetavam o largo. Também nos fins de tarde, quando a primeira brisa anunciadora da noite arrepiava como um aviso os plátanos que ladeavam a fonte.

O meu sapateiro tinha muitos amigos, mas as horas da visita variavam consoante a posição social de cada um. O médico nunca estava quando lá ia um pé-mal-calçado; o prior não passava da porta; os lavradores da terra evitavam encontrar-se com inimigos da estrema vizinha, e diziam coisas graves e profundas, ou bisbilhotices de meia-porta, enquanto ponderosamente iam remexendo nos bolsos do colete. Só eu era um freguês de todas as horas. A minha condição de rapaz da cidade (porque lá vivia), em gozo de férias grandes, fazia de mim uma plataforma onde qualquer podia representar o seu número. Ouvia os casos clínicos do médico, os monossílabos do pobre, as objurgatórias do padre e as ladainhas intermináveis do lavrador. Entretanto, o meu sapateiro ia batendo a sola, dava cera na linha, repuxava os pontos e apontava as cardas com duas pancadas secas e rigorosas.

Era um homem doente, velho antes do tempo, torcido como um sarmento ou uma oliveira antiga. Toda a sua força se lhe juntara nos braços. E eu, que nunca fui rapaz de grandes musculaturas, tinha uma inveja louca daqueles ombros potentes, onde as cordas tendinosas estremeciam e inchavam num ritmo a que hoje me apetece chamar solene. O meu sapateiro gostava de falar e de ouvir. Contava casos da sua mocidade, vagas conspirações de tempos remotos, a terrível e deliciosa história de uma pistola de que talvez ainda venha a falar – que sei eu, passados tantos anos? Enquanto ele falava, eu ia-me entretendo a fazer buracos num pedaço de cabedal com um vazador. Ou então remexia na água a que a sola de molho dava um toque adstringente. E assim passava o tempo. Depois o meu sapateiro queria saber novidades. Eu dava-lhas, se podia, inventava e adornava para me fazer valer. Compreendam-me, sim? Eu vinha da cidade, não podia deixá-lo sem as respostas de que ele precisava.

Até um dia. Era um fim de tarde. Chegara do rio, depois de muitas horas ao sol, sujo de lama, com a alma limpa de tanto azul e verde – e meia dúzia de peixes já secos, enfiados pelas guelras numa verdasca de salgueiro. Ia mostrar a pescaria. O meu sapateiro mostrou um interesse moderado. Qualquer coisa o preocupava. Alisava os cabelos ralos com a sovela, suspendia o movimento dos braços ao puxar a linha – sinais que eu conhecia bem e que anunciavam uma pergunta de altíssima importância. E a pergunta veio. Decidido, o meu velho amigo reclinou para trás o corpo deformado, empurrou os óculos para a testa e disparou:

– O amigo acredita na pluralidade dos mundos?

Que foi que respondi então? Que sim, que não, que talvez, que o Fontenelle disse, que o outro desdisse. Mas hoje peço às grandes potências que mandam homens para o espaço o favor de averiguarem rapidamente e darem a resposta ao meu sapateiro. É um homem interessado que vive numa aldeia e tem uma loja com um horizonte de plátanos que se arrepiam à noite, quando o céu se cobre de estrelas.